

UM SERVIDOR DO REAL ERÁRIO

Rui Vieira da Cunha

Pouco há publicado quanto à biografia do Coronel Carlos José da Silva, Deputado Escrivão da Junta da Real Fazenda de Minas Gerais à época da Inconfidência Mineira (1). Agora, genealogicamente instigados como seu 5º neto, apresentamos dados hauridos em registros paroquiais e informações de limpeza de sangue e geração no Santo Ofício (2). Vamos, nesta primeira etapa, estudá-lo até sua ida para aquelas funções.

O marco inicial está inscrito em livro de batismos da freguesia de São Nicolau, em Lisboa:

“Em os vinte e dois dias do mês de janeiro de mil setecentos e cinquenta e sete anos, por despacho do Excelentíssimo Senhor Arcebispo de Lacedemônia Vigário Geral de vinte e nove de outubro do dito ano (sic), pelo qual mandava abrir o assento do batismo de Carlos, conforme a informação que achou o Reverendo Padre Cura desta freguesia Sebastião Madeira, o lavrei na forma que se segue. Em os quatro dias do mês de novembro de mil setecentos, e quarenta e um anos, na Paroquial Igreja de São Nicolau de Lisboa, por um dos Reverendos Curas da mesma Igreja, foi batizado Carlos, filho de Francisco Gomes da Silva, também batizado nesta freguesia, e de Teodora Maria dos Reis, batizada na freguesia de Nossa Senhora da Ajuda extra muros desta cidade, recebidos na Igreja de Candelária da cidade do Rio de Janeiro moradores, que foram nesta freguesia de São Nicolau, foi padrinho Francisco Pereira, de que fiz este assento, por se terem queimado os livros desta Paróquia no incêndio subsequente ao terramoto do primeiro de novembro de mil setecentos cinquenta e cinco - O Cura Bernardo da Rocha Preto”. (3)

II

Traços comuns vincam o perfil familiar, às vezes bem modesto, dos pretendentes a ingresso no aparelho inquisitorial. Lavradores, mestrais e homens de negócio, privilegiados como Familiares do Santo Ofício (4), aparecem em relação a Carlos José da Silva, cabendo notar os atilhos com o Brasil.

Quadro desenhado nas duas tabelas genealógicas seguintes:

A - Ascendência Paterna

- 1- FRANCISCO GOMES DA SILVA, batizado a 25 de dezembro de 1702, freguesia de São Nicolau, apadrinhado por João Gomes Oliveira. Foi Familiar do Santo Ofício (carta de 21 de agosto de 1737, juramento de 24 do mesmo mês). Casou a 30 de outubro de 1728, na freguesia da Candelária (Rio de Janeiro), às 5 horas da tarde, com Teodora Maria dos Reis (cf. B, nº 1, *infra*), sendo testemunhas Francisco Rodrigues Silva, Antônio Lopes Silva, Maria de Faria de Aguiar (mulher de Bento Ferreira Garcez), Maria da Luz Leonarda (mulher de Simão dos Santos Pina) “e outras pessoas”. Viviam de seu negócio “para a cidade do Rio de Janeiro e mais partes da América”. Morava, em Lisboa, ao beco do Bauleiro, detrás da Ermida de Nossa Senhora da Palma, freguesia de São Nicolau, até mudar-se, antes de 1767, para o Rio de Janeiro, onde tinha ofício na Alfândega.
- 2- MATEUS LUÍS DA SILVA, batizado em casa pela comadre Maria Correia, pondo-lhe, a 28 de setembro de 1653, os santos óleos o cura, na freguesia de São Nicolau, sendo padrinhos Francisco Dias e Maria da Silva. Faleceu antes do matrimônio (1728) do filho Francisco. Casou a 14 de dezembro de 1686, na Santa Casa da Misericórdia, com Josefa Maria. Era mestre serralheiro e morador no Largo da Rua das Esteiras, freguesia de Nossa Senhora dos Anjos.
- 3- JOSEFA MARIA, batizada a 3 de fevereiro de 1669, na freguesia de Nossa Senhora dos Anjos, padrinhos Manuel de Almeida e Isabel Teixeira. Em 1736, viúva, residia à Rua dos Fornos, freguesia de São Nicolau. Sua irmã, Antônia do Espírito Santo, batizada a 18 de maio de 1691, na freguesia de Nossa Senhora dos Anjos, e já falecida em 1736, casou com João de Araújo, mestre espadeiro (barbeiro de espadas), gerando José de Araújo Lima, Familiar do Santo Ofício (carta de 27 de abril de 1775, juramento no dia seguinte), capitão de navio mercante da carreira do Brasil, consorciado com Francisca das Chagas, filha de outro capitão de navio mercante dessa carreira, Nicolau da Silva, e Antônia Gonçalves. João de Araújo, aliás, era gênito de João de Araújo Rosa e Domingas Dias da Fossa, mulher solteira, a qual antes vivera com um mercador Barbosa, provindo daí Domingos Barbosa, Familiar do Santo Ofício (carta de 11 de junho de 1695, juramento de 27 de julho imediato), casado com Luísa de Oliveira.
- 4- FRANCISCO FERNANDES, batizado a 15 de janeiro de 1614, na Igreja de Nossa Senhora da Luz, do lugar da Cravoieira, termo da Vila de Torres Vedras, Patriarcado de Lisboa, sendo-lhe padrinhos sua irmã Maria Francisca e Francisco Rodrigues Cabral. Casou a 24 de janeiro de 1643, na Santa Casa da Misericórdia, com a órfã Joana Luís. Era mestre serralheiro, morador no lugar da Rainha, da mesma freguesia de Nossa Senhora da Luz, onde ele e o pai “eram dos prin-

cipais do lugar”. Em Lisboa, sua residência era à Rua das Cabriteiras, freguesia de São Nicolau.

- 5 JOANA LUÍS, batizada a 17 de agosto de 1614, na freguesia de Santo Estevão, Lisboa, padrinhos Maria Viegas de S. Paulo e Lourenço Pestana. Certificou (17 de junho de 1734) o Escrivão da Mesa da Casa da Santa Misericórdia de Lisboa, 5º Conde de Tarouca (D. Estêvão José de Meneses e Silva), que à órfã Joana Luís foram dotados, a 27 de junho de 1640, pelo Provedor e Irmãos da Mesa, 30\$000 (trinta mil réis) para ajuda a seu casamento. Francisco Fernandes, assinando de cruz, passou recibo dessa quantia a 1 de fevereiro de 1643.
- 6- JOÃO GOMES, natural da freguesia de Santa Maria Madalena, do lugar do Turcifal, termo de Torres Vedras, Lisboa, e já morto aquando do matrimônio, em 1686, da filha Josefa Maria. Foi oficial de pedreiro e morador em Arroios. Contraiu segundas núpcias, a 2 de agosto de 1665, na Quinta do Silveira Frade, freguesia de Nossa Senhora dos Anjos, com Maria Correia. Do primeiro casamento, com Domingas da Silva, teve Maria da Conceição, mãe de Domingos Clemente de Araújo, Familiar do Santo Ofício (carta de 18 de outubro de 1717, juramento de 21 desse mês), mercador da capela e filho de Manuel Vieira. A habilitação de João Gomes nas diligências do neto Domingos Clemente dispensou inquirição nas de José de Araújo Lima, alegadas por Francisco Gomes da Silva.
- 7- MARIA CORREIA, natural da Fonte do Louro e batizada a 13 de setembro de 1643, na freguesia de Nossa Senhora dos Anjos, padrinhos Manuel Martins e Maria da Cunha.
- 8- ANTÔNIO FERNANDES, “mais conhecido pela alcunha de Liberal, do que pelo próprio nome”. Morador no lugar da Rainha, onde era um dos principais, e em Lisboa, à Rua das Cabriteiras, freguesia de São Nicolau.
- 9- FILIPA FRANCISCA.
- 10- SALVADOR LUÍS, natural de Lisboa e já falecido quando se casou, em 1643, a filha Joana Luís. Morador à Porta da Cruz.
- 11- LUÍSA FRANCISCA, natural de Lisboa e também falecida ao casar-se, em 1643, a filha Joana Luís.
- 12- SEM NOTÍCIAS
- 13- IDEM
- 14- JOÃO MARINHO, fazendeiro no sítio da Fonte do Louro.
- 15- MARIA CORREIA

B - Ascendência Materna

- 1- TEODORA MARIA DOS REIS, batizada a 17 de janeiro de 1706, na freguesia de Nossa Senhora da Ajuda, Lisboa, padrinhos Antônio Álvares, morador na freguesia de São José, e Maria Francisca. Morava com os pais no Rio de Janeiro, onde desposou, em 1728, Francisco Gomes da Silva (cf. A, nº 1, supra). Foi para o Reino com o marido, depois regressando ao Brasil.
- 2- DOMINGOS CARDOSO, nascido e batizado na freguesia de São Miguel o Anjo da Vila de Armamar, Bispado de Lamego. Casou a 15 de outubro de 1704, na freguesia de Nossa Senhora dos Mártires, Lisboa, com Mariana Martins da Conceição, sendo testemunhas Simão dos Santos, dessa freguesia, e Antônio Álvares, da de São José. Era mestre alfaiate e aprendeu o ofício em casa de Francisco Gonçalves, lisboeta, antes alfaiate e depois vendedor de vinho, que assim depôs em 1737, aos 62 anos de idade. Outro alfaiate, Antônio Pudroso, de mais de 40 anos, disse então ser Domingos “irmão do mestre com quem ele testemunha aprendeu”. Em Lisboa, Domingos Cardoso foi morador no lugar de Alcântara, freguesia de Nossa Senhora da Ajuda, daí emigrou antes de 1728 para o Rio de Janeiro, de onde mandou buscar sua mulher e seus filhos. Um destes, Manuel Cardoso, requereu, em 1734, certidão de batismo do avô paterno, pois “que ele suplicante se quer ordenar clérigo”.
- 3- MARIANA MARTINS DA CONCEIÇÃO, batizada a 27 de dezembro de 1686, na freguesia de Nossa Senhora dos Mártires, Lisboa, padrinho Domingos de Barros.
- 4- DOMINGOS DA FONSECA, batizado a 25 de abril de 1638, na freguesia do Espírito Santo de Vila Seca, Vila de Armamar, Bispado de Lamego, padrinhos Antônio Ramos e Beatriz Mendes, dessa freguesia. “Vivia de sua fazenda”, no lugar de Travanca, freguesia de São Miguel o Anjo da Vila de Armamar.
- 5- MARIA CARDOSO, natural do lugar de Travanca, freguesia de São Miguel o Anjo da Vila de Armamar. Assistiu em casa de um clérigo.
- 6- BRÁS MARTINS, natural da freguesia de São Vicente de Redondelo, lugar das Casas Novas, termo da Vila de Chaves, Arcebispado de Braga. Foi rapaz para Lisboa, residindo na freguesia de Nossa Senhora dos Mártires. Casou a 23 de novembro de 1681, na freguesia de São Domingos de Rana, termo da Vila de Cascais, com Maria da Conceição, sendo testemunhas João Lopes, Manuel João, Domingos João “e outras muitas”. Brás Martins e a mulher “foram lavradores que viveram dos seus bens” e moradores, em Lisboa, à Rua da Ametade. Era irmão inteiro de Agnes Martins, esposa de Manuel Ferreira, residentes em Casas Novas. João Álvares, daí natural e morador, de

80 anos mais ou menos, em 1737 declarou taxativamente: “Brás Martins era primo carnal dele testemunha em razão de sua mãe dele testemunha ser prima do pai do dito”.

- 7- MARIA DA CONCEIÇÃO, nascida e batizada na freguesia de São Domingos de Rana, termo da Vila de Cascais. Foi de menor idade para Lisboa, onde casou e morava já viúva, na Rua da Ametade, com a filha Mariana e o genro Domingos Cardoso.
- 8- ANTÔNIO RODRIGUES, da freguesia do Espírito Santo de Vila Seca, Vila de Armamar. Era lavrador.
- 9- MARIA DA FONSECA
- 10- SEM NOTÍCIAS
- 11- MARIA CARDOSO, natural do lugar de Travanca, freguesia de São Miguel o Anjo da Vila de Armamar. Em 1737, Manuel Teixeira, que residia há mais de quarenta anos em Travanca, disse havê-la conhecido por doze anos, até sua morte.
- 12- GONÇALO ÁLVARES, o moço, morador em Casas Novas.
- 13- AGNES MARTINS
- 14- JOÃO LEONARDES, morador no lugar do Zambujal. Foi “lavrador de cujo trato vivesse”.
- 15- BRÍGIDA SIMÕES

III

Carlos José da Silva vivia em Lisboa ao tempo do terremoto de 1755 e lá permaneceu depois da mudança dos pais para a Colônia. Continuou a habitar ao Beco do Bauleiro, à ilhargá da Ermida de Nossa Senhora da Palma, freguesia de São Nicolau. Nada despropositado supor desse aí começo a trabalhos em repartição fazendária.

O término de sua estada na terra natal se enuncia em sua habilitação para Familiar do Santo Ofício (carta de 26 de janeiro de 1773). Depuseram em Lisboa, em 1771, conhecedores de seus pais, por vizinhança e comunicação, desde meninos, ao ter o uso da razão, ou pelo menos há trinta anos. Dois eram mestres do ofício de latoeiro (Manuel da Costa Silva e José da Costa), dois do de torneiro (Antônio Francisco e Joaquim Francisco) e um negociante e Cavaleiro Professo na Ordem de Cristo (Bento Gomes). Joaquim Francisco afirmou que Carlos José se ausentou da Rua do Bauleiro para o Rio de Janeiro, onde era, acrescentou Bento Gomes, escriturário do Erário Real.

A provança no Rio de Janeiro, em 1772, reuniu quatro homens de negócios, todos reinóis, sendo três (Antônio Ramalho Lisboa, Antônio Gonçalves Chaves e Agostinho de Faria Monteiro) Familiares do Santo Ofício e outro sem esse grau (Antônio Álvares da Cruz). Ramalho Lisboa, já conhecia Carlos José da capital lusitana e os demais desde sua chegada, pois relacionados com seus genitores, “que já cá estavam”. Gonçalves Chaves acentuou conhecê-lo “desde que ele veio para esta terra como ofício de escrivão (sic) do Erário Real por ter conhecimento com seu pai o qual tem ofício na Alfândega”.

Sua vinda para o Brasil, portanto, foi em 1767. Nesse milésimo, ensina Monsenhor Pizarro, “para formalizar os livros da arrecadação dos rendimentos reais”, passaram de Lisboa João Carlos Pereira de Lemos, como escrivão da Junta da Real Fazenda, e os escriturários Manuel Rodrigues da Costa e Carlos José da Silva (5).

Iniciava-se o período brasileiro de sua vida. Vale aditar que outro seu irmão batizou filhos na Candelária, no Rio de Janeiro. Foi Luís Francisco da Silva, também nascido e batizado na freguesia de São Nicolau, casado com Joaquina Rosa da Silva, nascida e batizada na da Candelária, filha do Capitão João da Cunha Neves.

IV

Não seria por demais difícil a integração do recém-chegado escriturário na vida da cidade. Acolhia-se ao lar paterno e assim se introduzia em um círculo de relações e amizades fortalecido por laços de pertença ao temido Santo Ofício.

ConSORCIU-SE, DESSARTE, no ano seguinte, com a filha de outro Familiar:

“Aos catorze dias do mês de agosto de mil setecentos, e sessenta, e oito anos pelas quatro horas da manhã na Igreja Matriz de Santa Rita com provisão de S. Exa. Revma., e do muito Reverendo Doutor Juiz dos Casamentos Francisco Gomes Vilasboas na presença de Reverendo Coadjutor da dita Matriz Francisco Moreira da Costa, e das testemunhas Francisco Gomes da Silva e Agostinho de Faria Monteiro se recebeu em matrimônio Carlos José da Silva natural da freguesia de São Nicolau de Patriarcado de Lisboa filho legítimo de Francisco Gomes da Silva, e de sua mulher Teodora Maria dos Reis com Inácia Rosa Angélica natural desta freguesia da Candelária filha legítima de Feliciano de Almeida Carvalho, e de sua mulher Margarida Teresa da Cruz, tudo na forma do Sagrado Concílio Tridentino, e lhes deu as benções como dispõe o Ritual Romano, o que de tudo me constou pela certidão do Reverendo Pároco acima declarado: do que fiz este assento. - O Coadjutor José Pereira Maciel” (6).

V

A similitude dos perfis familiares dos nubentes é flagrante, como expõe às claras este esquema genealógico:

- 1- INÁCIA ROSA ANGÉLICA, batizada a 8 de fevereiro de 1748, na Igreja da Candelária, Rio de Janeiro, sendo padrinhos Paulo da Silva Fonseca e Inácia de Assunção, mulher de Agostinho de Faria Monteiro (7).
- 2- FELICIANO DE ALMEIDA DE CARVALHO, batizado na freguesia de Nossa Senhora do Ó (da Expectação) do Campo de Valada, termo da Vila de Santarém. Familiar do Santo Ofício (carta de 2 de novembro de 1750), descrito como homem de negócio. Casou a 14 de maio de 1732, na Paroquial Igreja de Santa Maria Madalena, Lisboa, com Margarida Teresa da Cruz, sendo testemunhas João de Andrade Leitão e Geraldo de Carvalho. Veio para o Rio de Janeiro por volta de 1736. Dez anos depois, no processo de habilitação para o aparelho inquisitorial, seu amigo e compadre o homem de negócio Agostinho de Faria Monteiro, Familiar do Santo Ofício, foi minucioso: o casal, Feliciano e Margarida, mora nesta cidade, “vivendo ele do seu ofício de alfaiate de que já não usa muito, mas sim de algum negócio mercantil em que se ocupa, principalmente para as agências de sua mulher que se ocupa de padejar pão de suas portas adentro ele da saída e venda pelas suas escravas, vivendo ela sempre no recolhimento de sua casa”.
- 3- MARGARIDA TERESA DA CRUZ, batizada a 24 de abril de 1712, na freguesia de Santa Maria Madalena, Lisboa, apadrinhada por Francisco Xavier da Silva e Inácia Maria, por procuração de José Carvalho. Era sobrinha de Geraldo de Carvalho. “Foi moradora na Correaria até que casou, e depois na Calçada do Correa com o dito seu marido até que se ausentaram para o Rio de Janeiro”.
- 4- SEBASTIÃO DE ALMEIDA, natural da freguesia de Nossa Senhora da Expectação de Valada e aí morador. Foi seareiro.
- 5- CATARINA FRANCISCA, natural dessa mesma freguesia de Valada.
- 6- MATEUS PEREIRA CARNEIRO, batizado a 29 de setembro de 1681, na freguesia de Nossa Senhora da Assunção da Serra de Vila Franca do Rosário, sendo padrinhos Antônio Ramos, morador na Vila de Torres Vedras, e Luísa Maria, mulher de João Anhane, morador em Vila Franca. Nasceu no lugar de Enxara do Bispo, termo da Vila de Torres Vedras, e viúvo de Joana Batista, casou 2ª vez, a 23 de maio de 1711, na freguesia da Sé de Lisboa, com Teresa Maria de Jesus, sendo testemunhas o Padre João de Andrade, Secretário da Santa Casa de Misericórdia de Lisboa, o Padre Álvaro Ferreira de Carvalho “e mais povo”. Já falecido em 1750. Foi mestre correiro. É referido

como morador, em Lisboa, na freguesia de Santa Maria Madalena (1711), nas Pedras Negras (1712) e na Correaria (1732).

- 7- TERESA MARIA DE JESUS, batizada a 1 de novembro de 1690, na freguesia da Sé de Lisboa (Basilica de Santa Maria), padrinho João da Silva. Já falecera em 1750.
- 8- MANUEL ANTUNES, natural da freguesia de Nossa Senhora da Rifa, termo da Vila de Santarém, onde era morador na freguesia de Valada. Foi seareiro.
- 9- MARIANA DE ALMEIDA, natural da freguesia de Nossa Senhora da Expectação de Valada.
- 10- MANUEL FERNANDES, dito Pequeno, nascido e morador na freguesia de Valada. Foi seareiro.
- 11- BRITES FRANCISCA, natural da freguesia de Valada.
- 12- DOMINGOS DIAS, batizado a 5 de junho de 1656, na freguesia de Nossa Senhora da Assunção da Serra de Vila Franca do Rosário, padrinhos João Rodrigues e Maria Simoa. Casou a 28 de fevereiro de 1678, nessa mesma freguesia, com Mariana Pereira, sendo testemunhas Manuel da Silva Pereira e Francisco Henriques, respectivamente moradores na Enxara dos Cavaleiros e na Enxara do Bispo. Foi lavrador.
- 13- MARIANA PEREIRA, batizada a 11 de dezembro de 1650, na freguesia de Nossa Senhora da Assunção da Serra de Vila Franca do Rosário, apadrinhada por Francisco de Morais.
- 14- MANUEL CARVALHO, natural da freguesia de Nossa Senhora da Expectação de Valada. Morador, em Lisboa, na Correaria, depois se mudou para o Beco do Abreu, junto às Cruzes da Sé. Foi sapateiro e "homem do azul na Misericórdia". Foram seus irmãos Martinho de Carvalho e José de Carvalho.
- 15- MARGARIDA DA CRUZ, natural da freguesia de Santa Maria (Sé) de Lisboa. Foi "fomeira às Cruzes da Sé, e no dito Beco do Abreu".
- 16 a 23 - SEM NOTÍCIAS.
- 24- MANUEL JORGE CARNEIRO, natural do lugar de Vila Franca do Rosário, freguesia de Nossa Senhora de Assunção, e aí morador.
- 25- DOMINGAS LUÍS, natural do mesmo lugar de Vila Franca.
26. - ANTÔNIO FERNANDES, natural do lugar de Vila Franca e aí morador. Já falecido em 1678, aquando das núpcias de sua filha Mariana.
- 27- MARIA PEREIRA, natural do mesmo lugar de Vila Franca.

VI

Candidatou-se Carlos José da Silva, em 1771, a familiatura no Santo Ofício. A prova testemunhal produzida no Rio de Janeiro, a 15 de agosto de 1772, também forma quanto a seu conceito na cidade.

Antônio Ramalho Lisboa afirmou ser ele “pessoa de bom procedimento vida, e costumes capaz de ser encarregado de negócios de importância, e segredo, e de servir o Santo Ofício no cargo de Familiar, trata-se com limpeza, e asseio, e tem bom ordenado na sua ocupação com que se possa tratar”.

Os depoimentos seguintes, a par de óbvias repetições, inserem particularidades relevantes. Disse Antônio Gonçalves Chaves que “o habilitando de presente foi para Minas estabelecer outro Erário Real”. Era capaz para o desempenho de tarefas importantes e sigilosas, “pelo mesmo o mandaram instituir o dito Erário”. E, ainda, “que tinha dois mil cruzados de ordenado, e em Minas há de ter mais”.

Segundo Antônio Álvares da Cruz, o candidato “servia a ocupação de escriturário no Real Erário, e há pouco tempo foi para Minas estabelecer Erário Real no Ouro Preto”. E insistiu: “pela sua grande capacidade foi criar nas Minas o Real Erário”, tendo “avultado ordenado na ocupação que exercita para se poder tratar”.

Testemunhou finalmente Agostinho de Faria Monteiro. O postulante, “morador que era nesta cidade e de presente nas Minas de Ouro Preto para onde foi instituir o Erário Régio”, “vive limpamente, com bom trato, e tem ordenado de três mil cruzados”.

O sucesso do trabalho na Junta fluminense (8) foi fator ponderável para essa reputação funcional, explicativa de sua escolha para a escrivania da Junta da Real Fazenda de Minas Gerais, criada por carta régia de 7 de julho de 1771 (9).

Carlos José da Silva logo se deslocou para Ouro Preto, onde, após os breves anos no Rio de Janeiro, deu procedimento à distinta atuação fazendária.

NOTAS:

- (1) Herculano Gomes Matias, Um Recenseamento na Capitania de Minas Gerais. Vila Rica - 1804, pp. XVII-XVIII e 4, Rio, 1969, e Autos de Devassa da Inconfidência Mineira (supervisão de Herculano Gomes Matias), vol. 1, p. 108, n. 1 (Tarquínio José Barbosa de Oliveira), Brasília- Belo Horizonte, 1976.

- (2) Arquivo Nacional da Torre do Tombo - M^o 56, n^o 1119 (Francisco Gomes da Silva, 1737), M^o 2, n^o 17 (Feliciano de Almeida de Carvalho, 1750), M^o 5, n^o 59 (Carlos José da Silva, 1773) e M^o 28, n^o 118 (José de Araújo Lima, 1775). Ver, quanto à natureza do processo, Ricardo Teles Araújo e Bartolomeu Buarque de Holanda, Habilitação ao Santo Ofício, in Carta Mensal do Colégio Brasileiro de Genealogia, ano VIII, n^o 41, pp. s/n (1-3), Rio, abril-junho, 1996.
- (3) Livro 1, fls. 135 - cf. certidão (Lisboa, 25 de março de 1957) subscrita por Emília da Piedade Carvalho Felix, Primeiro Conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
- (4) Diogo Guerreiro Camacho de Aboim, Opusculum de Privilegiis Familiarium Officialiumque Sanctae Inquisitionis, 2^a ed., Lisboa, 1747, e Antonio José Saraiva, Inquisição e Cristãos Novos, 4^a ed., pp. 240-243, Porto, 1969.
- (5) José de Sousa Azevedo Pizarro e Araújo, Memórias Históricas do Rio de Janeiro, 2^a ed., 7^o vol., p. 150, Rio, 1948. Para a importância da missão no contexto da administração de valores - Luís Cláudio Pereira Leivas e Levi Scavarda, História da Intendência da Marinha, vol. I (Introdução. 1500-1800), p. 26, Rio, 1972.
- (6) Livro 7^o da Candelária, fls. 68 - cf. certidão, sem data, emitida pelo Cônego Cipriano Bastos, Chanceler do Arcebispado do Rio de Janeiro.
- (7) Livro 6^o da Candelária, fls. 244 verso - cf. certificado (Rio, 16 de outubro de 1954) pelo Cônego Cipriano Bastos, Chanceler do Arcebispado do Rio de Janeiro.
- (8) José de Sousa Azevedo Pizarro e Araújo, op. cit., 7^o vol., pp.150-151.
- (9) Fiscais e Meirinhos: A Administração no Brasil Colonial (coordenadora Graça Salgado), p. 435, Rio, 1985. Ver Marcos Carneiro de Mendonça, O Erário Régio no Brasil, Rio, 1968.